

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIA DAS MERCÊS DE SOUSA COSTA

**O BOI, O CAVALO E O CÃO NA HISTORICIDADE PIAUIENSE: uma
análise de expressões populares**

PICOS – PI

2016

MARIA DAS MERCÊS DE SOUZA COSTA

**O BOI, O CAVALO E O CÃO NA HISTORICIDADE DO PIAUIENSE:
uma análise de expressões populares**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – Picos /PI, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Professor Orientador: Msc. Luiz Egito de Souza Barros

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

C837b Costa, Maria das Mercês de Sousa
O boi, o cavalo e o cão na historicidade piauiense:
uma análise de expressões populares / Maria das Mercês
de Sousa Costa. – 2016.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (39f.)
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em
História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2016.
Orientador: Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros.

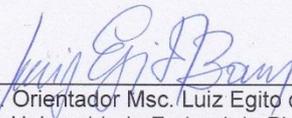
1. Expressões Populares-Piauí. 2. Identidade-Piauí.
3. História. I. Título.

CDD 981.812.22

MARIA DAS MERCÊS DE SOUZA COSTA

O BOI, O CAVALO E O CÃO NA HISTORICIDADE DO PIAUIENSE:
UMA ANÁLISE DE EXPRESSÕES POPULARES

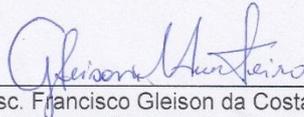
Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em História pela Universidade Federal do Piauí, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:



Prof. Orientador Msc. Luiz Egito de Souza Barros
Universidade Federal do Piauí/CSHNB



Prof. Msc. Ana Paula Cantelli de Castro
Universidade Federal do Piauí/CSHNB



Prof. Msc. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Universidade Federal do Piauí/CSHNB

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, razão de minha existência e inspirador da minha vida. Aos meus familiares, por todo amor, carinho e incentivo nesta minha caminhada de lutas e vitórias. Aos meus amigos que sempre torceram pela minha conquista e especialmente aos meus professores que sabiamente me instruíram nesta longa jornada de construção do saber.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, porque sem Ele nada sou, nada tenho e nada realizo. Aos meus familiares por estarem sempre presentes em todos os momentos, sejam de luta ou de vitória, especialmente à minha filha (Bruna) pelo incentivo, acreditando na minha capacidade para realização desse trabalho, que foi árduo, levando em conta as minhas limitações. Sem o apoio moral, efetivo, financeiro essa pesquisa não seria possível. Em especial ao meu querido orientador Luiz Egito de Souza Barros, pelas orientações valiosas, pela paciência com as minhas inseguranças, limitações, pelo interesse, esforço e dedicação que mostrou ao longo do trabalho.

Não poderia deixar de agradecer á professora Ana Paula Cantelli e ao professor Francisco Gleison Monteiro, pelas orientações e por acreditarem que da minha temática poderia, sim, sair um trabalho científico, pois houve momentos em que achei não ser possível, levando em conta que foram eles que me indicaram o professor Egito, que foi um presente maravilhoso, para que meu trabalho fosse desenvolvido e realizado. Enfim, a todos que de alguma forma me ajudaram na conclusão do curso deixo minha gratidão.

Todas as civilizações, todos os costumes, todas as conquistas e todos os sonhos da humanidade deixaram sua marca, que com um pouco de atenção, se vê reaparecer.

(Michel Bréal)

RESUMO

O boi, o cavalo e o cão na historicidade do piauiense constituem o objeto de estudo deste trabalho, que tem como objetivo geral, buscar nas expressões populares da região, fragmentos da história do sertanejo, bem como traços de sua identidade, a partir das expressões populares catalogadas identificar a relação do homem com os animais, especialmente com o boi, o cavalo e o cão, que se fizeram elementos importantes na vida do piauiense e na construção da história do Piauí. Neste sentido, este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de resgatar traços da identidade acerca do modo como esses sujeitos se relacionam através de sua linguagem. Esses traços foram identificados nas expressões populares analisadas na obra Paremiologia nordestina, de Fontes Ibiapina. O que me despertou interesse para fazer essa pesquisa foi o fato de que, desde a minha infância, convivi com pessoas mais da zona rural, o que definimos de interior. Achar que a maneira dessas pessoas se expressarem fosse errada nos causou inquietação, e foi a partir daí que aguçou o nosso interesse em fazer um trabalho de pesquisa nessa área. É exatamente por conhecer, e conviver desde cedo, com pessoas que fazem uso dessas expressões no seu cotidiano que fizemos essa análise, tendo como sujeito histórico o vaqueiro, reconhecendo que este foi o principal personagem, e um dos principais sujeitos históricos na trama das relações culturais, sociais, políticas e econômicas travadas nessa região. A escolha das fontes se fez necessária, tendo em vista a sua importância para a construção desta pesquisa, pois através das fontes bibliográficas, especialmente Paremiologia Nordestina, de fontes Ibiapina, pudemos perceber que as expressões mais usuais desses sujeitos nordestinos são importantes como fonte de dados da história e da identidade desses sujeitos. Este trabalho tem como aporte teórico autores da área da História, do Folclore, da Sociolinguística e Linguística histórica, dentre outras áreas, que deram suporte para que pudéssemos desenvolver a análise das referidas expressões.

Palavras-chave: Expressões populares. História. Identidade.

ABSTRACT

The ox, horse and dog on the historicity of Piauí, this work has the general objective to seek the popular expressions of the region, fragments of the history of backcountry as well as traces of his identity, through popular expressions cataloged identify the relationship of man with animals, especially with the ox, horse and cão. Nesse sense, this work was developed with the aim of rescuing the identity traits about the way these subjects are related through their language, which were identified in the popular expressions analyzed. What sparked my interest to do this research, was the fact that since my childhood, living with people most of the countryside, which define the interior, and find that the way these people express themselves were wrong, causing us concern, and it was from there that piqued our interest in doing scientific work. It is just to know, and get along early, with people you do use in their daily lives, these expressions, we did this analysis, with the historical subject the vaqueiro. reconhecendo how this was the main character, and one of the main subjects historical in the web of relations, cultural, social, political and economic fought in this region. The choice of sources is necessary, in view of the possibility that it will bring to the construction of this research, because through literature sources, the main source: Paremiologia Nordestina of Ibiapina sources, we can understand how it is important the most common expressions northeastern these subjects, making this bibliográfica. Tendo analysis also as theoretical support for this authors analysis of the area's history, such as folklore, sociolinguistics and historical linguistics, which gave support on the issue.

Keywords: Identity. Language. Expressions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PIAUIENSIDADE	14
1.1. Variação Linguística	16
1.2. HISTÓRIA, CULTURA E LÍNGUA: expressões populares no Piauí	18
1.3. CULTURA POPULAR: Folclore piauiense	21
2. PERCURSO METODOLÓGICO	22
3. APRESENTAÇÃO DO AUTOR FONTES IBIAPINA	24
3.1 O boi, o cavalo e o cão na vida do piauiense: análise das expressões populares	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Durante a trajetória acadêmica, ainda no segundo período, essa temática já me despertava interesse. O fato de, desde a minha infância, conviver com familiares, mais da zona rural do município de Picos, o que nós aqui definimos como interior só reforçou o meu interesse em pesquisar as variações linguísticas enquanto reflexo da história cultural do povo.

São várias as minhas inquietações em relação ao tema, porém procurei delimitar a temática em relação a algumas questões as quais considero relevantes nesta pesquisa.

A linguagem do feirante, do agricultor e também do vaqueiro como se manifesta e como se modificou são formas de expressão variadas ou comuns que identificam esses sujeitos, no entanto me reduzo a fazer uma pesquisa em relação às expressões populares registradas por Fontes Ibiapina em seu livro *Paremiologia nordestina*, que constitui um retrato da vida cotidiana do nordestino e, sobretudo, do piauiense.

No Piauí, a liberdade do sertanejo em recriar e transformar o português, incrementando-o com novos termos, vocábulos e expressões extraídas do cotidiano e da labuta diária, mostra uma faceta da sabedoria popular, pois, nestas expressões, que são metáforas do cotidiano do piauiense, estão registrados o seu modo de ver o mundo, seus meios de sobrevivência, enfim, sua cultura.

Como afirma Xavier,

O piauiense, como todo bom nordestino, é expressivo e espontâneo por natureza; gosta de externar seus sentimentos, dificuldades e desejos das mais variadas formas: arte, literatura, religiosidade... mas é na linguagem falada que ele encontra o meio mais natural e acessível para verbalizar o que o coração quer transmitir (XAVIER, 2006 p. 8).

Diante dessa citação de Xavier, percebemos o quanto será relevante a nossa pesquisa, principalmente, sobre a riqueza linguística do Piauí, principalmente na zona rural.

A riqueza linguística do Piauí é enorme, resultado de uma mistura de raças e muita criatividade. Negros, índios, portugueses, espanhóis e holandeses, juntos numa verdadeira troca cultural, produziram uma linguagem popular toda particular.

No contexto piauiense do século XX, Fontes Ibiapina ressalta que a riqueza do homem peculiar dessa região é a sua linguagem e seus costumes.

A escolha do tema partiu de tanto conviver com pessoas da zona rural, principalmente em nossa infância. O contato com familiares da zona rural, o que definimos como interior, e as diferentes maneiras desses falarem, nos chamaram atenção. Acreditávamos que aquela maneira de falar era errada, porém após o vivenciar o mundo acadêmico, percebemos que aquelas expressões são apenas uma maneira diferente de se comunicar.

A relevância desse trabalho reside no fato de contribuir para a comunidade acadêmica com um maior conhecimento sobre o tema, como também possibilitar maior conhecimento sobre a linguagem (maneira de falar) do homem do interior. A importância desse estudo para a sociedade se dá pelo fato de contribuir para um maior conhecimento sobre a linguagem do Piauí, mais especificamente da região de Picos, o que é relevante para nós.

É exatamente por isso que o linguajar do nosso Piauí sempre nos chamou a atenção. Portanto o presente trabalho tem como objetivo central, analisar essa tradição lingüística do Piauí para não deixar cair no esquecimento, aquilo que foi construído ao longo do tempo. Dessa forma, a pesquisa tem como objetivo geral: Buscar nas expressões populares da região fragmentos da história do sertanejo bem como traços da sua linguagem. Como objetivos específicos: Analisar as expressões populares presentes na obra *Paremiologia nordestina*, com o intuito de identificar a relação do homem com o boi, o cavalo e o cão. Resgatar traços da identidade do piauiense presentes na linguagem manifesta nessas expressões.

Esta pesquisa se divide em dois eixos: um bibliográfico, onde construímos as bases para a análise do documento, e outro documental, que constitui o corpus da análise. Assim, nos baseamos em autores tanto da área de História, como de Folclore, Sociolinguística e Linguística Histórica, que fazem enquadramento sobre o assunto. Daremos maior destaque para a temática, pois, necessitamos compreender melhor a temática escolhida.

Para viabilizar esse trabalho foram feitas leituras que estão relacionadas com o tema, principalmente os que tratam de forma mais específicas sobre a linguagem do sertanejo, como Fontes Ibiapina, em suas obras: *PAREMIOLOGIA NORDESTINA*, *TERREIRO DE FAZENDA*, como também, dicionários: *ROGÉRIO DA LÌNGUA PIAUIESA: dicionário do gurgueia*; *DICIONÁRIO DE BRASILEIRISMOS*

NO PIAUÍ, também de Fontes Ibiapina; ENSAIOS DE SEMÂNTICA, de Michel Bréal; A LÍNGUA DE EULÁLIA: novela sociolinguística, de Marcos Bagno, MANUAL DE SOCIOLINGUÍSTICA, de Stella Maris Bortoni-Ricardo. Realizei leituras de dissertações e teses que estão relacionadas com a temática da pesquisa como a dissertação de João Carlos, A Construção D'A Civilização Do Couro, e uma tese, Fontes Ibiapina LUÍS DA CÂMARA CASCUDO: Vaqueiros e cantadores, de MANOEL CORREIA DE ANDRADE: A terra e o Homem do Nordeste.

Através desses recursos, buscamos fazer explorações desse material, com o objetivo de qualificar as informações e oferecer bons resultados dos envolvidos nesse trabalho. Ao longo da pesquisa foram lidos outros teóricos com o objetivo de enriquecer essa pesquisa.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PIAUIENSIDADE

Estudar ou nos aprofundarmos sobre a história do Piauí, foi extremamente relevante em nossa vida acadêmica, tendo em vista que enquanto piauiense a maioria de nós desconhece a nossa história. Ao pagarmos a disciplina Piauí I foi possível entendermos melhor a nossa própria história, através dos textos de Claudete Dias, Luís Mott e Odilon Nunes, esses além dos livros didáticos, foram podemos dizer assim, as nossas principais fontes. Os livros didáticos abordam de forma resumida, e apenas o final do século XX.

Para Luís Mott, a estrutura de uma sociedade colonial piauiense se dá especificamente com a chegada do colonizador, seja na organização política, social e econômica se dá ao redor das fazendas de gado, considerado povoamento rural, e é nessas fazendas de gado que ficava sob o cuidado do vaqueiro.

O caminho percorrido na ocupação do território nordestino, no qual no Piauí não foi diferente, foi feito pelo vaqueiro, estes eram compostos na maioria das vezes por elementos escravos e posseiros, como não dispunha de uma boa situação econômica ou nenhuma, em cidades como Salvador e Olinda, para conseguirem Sesmarias era precisos se proteger sob um senhor, que tinha o papel de os defender de ataque de outros poderosos. Fundavam “sítios”, onde prestavam conta com os senhores anualmente, e ainda mesmo não era, segundo Odilon Nunes, ocasionalmente se ouvia falar numa vaquejada, a vida social desses sujeitos ainda era inexistente.

O vaqueiro não era apenas um empregado da fazenda, mas, sim, um sócio, fundar das fazendas, que não era, na maioria das casos, uma tarefa fácil. Domingos Afonso Sertão, o mais importante fazendeiro que já teve o Piauí, em toda sua história, diz em seu testamento que suas fazendas estavam situadas “em terras que descobri e povoei com grande risco de minha pessoa e considerável despesa, com adjuntório dos sócios” (p.59).

O sócio a que se refere o fazendeiro é o vaqueiro, que é um dos sujeitos de grande relevância de nessa pesquisa. Outro ponto relevante que Mott (1994) nos mostra era a agricultura de subsistência que ocorria em terras piauienses, pois não havia interesse por parte da população em praticar agricultura nessas terras por conta do solo que não era apropriado. Por isso, era mais rentável investir na criação de gado, já que o mesmo era criado solto, quando acabava o pasto (vegetação),

eles iam para outro lugar. A criação de gado não necessitava de muitos braços para o trabalho, tendo em vista, que o gado passava a maioria do tempo solto, vagando em manadas pelas terras mais distantes do curral, em terras que na maioria das vezes não eram demarcadas.

Segundo Prado Júnior (1943), a necessidade de o gado buscar água e comida pelas caatingas o leva a afirmar que “O gado cria o homem aí, em lugar de o homem criar o gado”.

A agricultura de subsistência não era a única forma de produção agrícola, pois na cidade de Parnaguá-Pi, era a localidade que possuía o maior número de estabelecimentos dedicados à agricultura, segundo Porto. É importante ressaltar que no Piauí não existia apenas fazendas de gado, existia também os sítios que eram menores que as fazendas e ficavam mais próximos das áreas urbanas.

O que a historiografia piauiense nos mostra, é que desde os seus primórdios foram as fazendas de gado que definiram a forma de ocupação do solo e a distribuição dos colonizadores ao longo do sertão piauiense, já em 1.697, apenas um ano de sua primeira freguesia, contava-se em 129 o número de fazendas de gado, situados nas margens de 33 rios, ribeiros e olhos d'água.

Entende-se através dessas leituras um Piauí nos séculos XVII e XXVIII ocupado por fazendas (unidades de povoamento), numa vivência mais rural que urbana. Essas fontes teóricas nos auxiliaram bastante para a nossa pesquisa.

É possível perceber os preconceitos existentes, colocando o jeito de falar de uns superiores ao falar de outros, é o caso de exaltar os falares do sul e sudeste do país e menosprezar os falares do norte e nordeste, perpetuando preconceitos advindos da ignorância cultural e conseqüentemente lingüística, pois a “variação existente hoje no português do Brasil nos permite reconhecer uma pluralidade de falares, que é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos da nossa história” (CALLOU E LEITE, 2002, p.57).

1.1. Variação Linguística

Segundo levantamentos feitos no Brasil, pelo grupo de trabalho da diversidade lingüística do Brasil, composto em 2006 por iniciativa da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados e do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (ipol), presta este depoimento:

[...] finalmente, há uma ampla riqueza de usos, práticas e variedades no âmbito da própria língua portuguesa falada no Brasil, diferenças essas de caráter diatópico (variações regionais) e diastrático (variações de classes sociais) pelo menos. Somos, portanto, um país de muitas línguas, tal qual a maioria dos países do mundo- em 94% dos países são faladas mais de uma língua. (Brasil, 2006-2007, p. 3).

Segundo Bortoni-Ricardo (2014, p.23), não é fácil identificar uma língua, porque as línguas não são homogêneas, usadas por todos os seus falantes da mesma maneira. Pelo contrário, elas comportam variação.

As variações lingüísticas não são uma exclusividade apenas do nosso país, nem tampouco do Piauí, para onde é voltada a nossa pesquisa, há informações sobre milhares de línguas faladas no mundo e também sobre a dificuldade de se definir uma língua, considerando outras que lhe são aparentadas destaca Stella (2014, p.23).

As variedades lingüísticas não são exclusividade apenas nordestina, ela ocorre de norte a sul do Brasil. Exemplo disso é a variedade carioca, a variedade paulistana etc., porém a coisa não pára por aí. A língua também fica diferente quando é falada por uma criança ou por um adulto, por um homem ou por uma mulher, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não-alfabetizada, por uma pessoa de classe média baixa ou por uma pessoa de classe alta, e ainda por um morador da cidade e por um morador do campo, ao qual foi justamente o que sempre nos chamou atenção, e até nos dias atuais essas diferenças são percebidas na vida cotidiana, na academia, por exemplo, falamos numa linguagem mais culta, já na comunidade falamos de maneira mais simplificada

Vejamos alguns exemplos, dessas variações:



Segundo Bagno (2007), toda língua, além de variar geograficamente e na estratificação social, também muda com o tempo. A língua que falamos hoje no Brasil é diferente da que foi falada aqui no início da colonização, e também é diferente da língua que será falada dentro de trezentos ou quatrocentos anos. Toda língua muda e varia.

Em se tratando de mudança linguística, convém ressaltar que cada geração deixa suas marcas na cultura e, conseqüentemente, na história de um povo. Se hoje usamos o verbo *decorar*, cuja raiz etimológica é *cor-*, que em Latim significa coração, para designar o processo de memorizar, é porque, em algum momento do passado acreditou-se que a aprendizagem ou a memorização ocorria no coração.

Podemos entender que assim, como cada pessoa tem a sua letra, que o identifica, que é único seu da mesma maneira é a língua, mesmo com as variações (variáveis) é como se cada língua fosse só sua...

Conforme Bagno (2003) há uma história da norma-padrão, o que segundo ele chamamos de língua portuguesa, num momento em que se estabelece uma

norma- padrão, ela ganha tanta importância e tanto prestígio social que todas as demais variedades são consideradas “impróprias” “inadequadas”, “feias”, “erradas” “pobres”, como se ela fosse a única representante legítima e legal dos falantes dessa língua.

Sendo assim, é possível perceber no Piauí, as variações, ou as maneiras de se dizer, ou falar algumas palavras de forma diferentes, o que ocorre no mesmo estado (Piauí), havendo essas variações de uma cidade para outra, podemos citar como exemplo o modo de falar dos nossos conterrâneos que moram na capital (Teresina) na qual a forma de falarem, tem forte influência dos nossos vizinhos cearenses, já os picoenses na sua maneira de falarem, tem forte influência dos nossos vizinhos pernambucanos, o mesmo é perceptível nos moradores da cidade de Jaicós-Pi, que também sofrem forte influência lingüística do estado de Pernambuco.

Segundo Francisco Xavier e Rogério Russo (2006), autores do dicionário Rogério da língua piauiense, o piauiense como todo bom nordestino, é expressivo e espontâneo por natureza; gosta de externar seus sentimentos, dificuldades e desejos das mais variadas formas: arte, literatura, religiosidade... mas é no modo de falar que ele encontra o meio mais natural e acessível para verbalizar com criatividade aquilo que o coração quer transmitir.

Para Bortoni-Ricardo (2014, p.73), nas vilas e pequenas cidades, emergiram falares regionais que, de fato, são resultado do contato de várias línguas no Brasil colonial, pois durante vários séculos o português era uma língua minoritária na colônia.

1.2. HISTÓRIA, CULTURA E LÍNGUA: expressões populares no Piauí

Sabemos que no Brasil, a colonização começou pelo nordeste, e é nesta região que se encontram as cidades mais antigas do país: Salvador, Olinda, Recife. A cultura da cana-de-açúcar fez desta região, durante algum tempo, o centro político, cultural e administrativo do Brasil. Mas a descoberta do ouro em Minas Gerais provocou a transferência da capital da Colônia para o Rio de Janeiro, em 1763, por ser o porto mais próximo para a remessa do ouro para a Europa, por isso, o Rio assumiu o primeiro lugar em desenvolvimento econômico, política e conseqüentemente cultural.

Podemos atentar para o exemplo de uma obra literária que segundo a autora deixa bem evidente a variação lingüística associada a classe social na cidade de Londres que é a peça teatral *Pigmaleão*, de George Bernard Shaw (1856-1950) Chaves (2005), adaptada para o cinema com o nome de *My fair lady*. A peça, traduzida para o português por Millôr Fernandes [1923-2012] em 1995, conta a história de Eliza Doolittle, uma vendedora de flor cujo falar, o cockney, refletia sua rede social formada por feirantes e outros indivíduos pobres e sem escolaridade na zona leste londrina. Um aristocrata e foneticista dileitante assume o compromisso de mudar os traços fonéticos e lexicais na fala de Eliza, com a intenção de transformá-la numa “lady”.

É importante ressaltar que o saber acadêmico é um tipo de conhecimento que não faz parte da vida de todas as pessoas, pois está nos livros, e é um saber padrão, diferente do exemplo que a autora coloca, que é de uma feirante, que é reconhecida socialmente pela maneira que de falar, podemos perceber que essa discriminação no falar ou da maneira em que se fala, não é um fato decorrente apenas no Brasil, principalmente do nordeste, o preconceito ocorre em vários países do mundo.

Um dos pontos fundamentais que Bortoni-Ricardo (2014) aborda é que no âmbito de uma mesma língua, é notável como os usos lingüísticos são um instrumento que os falantes usam para marcar sua identidade, especialmente sua origem geográfica. No Brasil, segundo a autora comunidades de fala em cidades e regiões de colonização mais antiga desenvolveram variedades que os identificam, seja pelo sotaque, seja por palavras e expressões típicas.

Até mesmo em cidades fundadas há menos tempo, como Belo Horizonte, Goiânia e Londrina, por exemplo, é possível identificar traços no português local que funcionam como marcas identitárias para seus falantes. Um outro ponto muito interessante do livro *Linguagem e linguística*, de John Lyons, em seu capítulo *linguagem e cultura*, é que falantes de línguas diferentes mesmo tendo a mesma visão de mundo com respeito a conceitos menos básicos, pois muitos dos conceitos com que lidamos são vinculados à cultura, dependem deles para sua compreensão do conhecimento transmitido socialmente, e que e esses conhecimentos variam de cultura para cultura.

As expressões estudadas revelam claramente a identidade do homem do campo, do vaqueiro e a relação deste com os animais, portanto é possível ver

alguns exemplos dessas expressões do livro *Paremiologia nordestina*, de Fontes Ibiapina:

“Cachorro lambeu a vergonha na cara dele”, (referindo-se a um indivíduo portador de inúmeros defeitos morais.); “É um rato de igreja”, “Filho só puxa a pai quando o pai é ladrão de cavalo”; “Para boi roceiro, não há bom vaqueiro”; e outras, como: “Cair do cavalo”; “Cão que late não morde”; “Conversa mole pra boi dormir”, dentre outras que veremos na análise dos dados.

Essas expressões populares revelam a relação do homem do sertão com animais que fazem parte da sua vida cotidiana, como: o boi, o cavalo e o cão. Por outro lado, essas expressões estudadas revelam a identidade do homem do campo, do vaqueiro, do agricultor e de toda a comunidade rural do Piauí.

Vejamos como a linguagem revela, desde sempre, a relação do homem com determinados animais. Segundo Bréal (1992, p.185), entre o cavalo e a equitação surgiu uma quantidade de expressões figuradas. Elas compuseram um grande volume de expressões. Diz-se, por exemplo, de um homem que momentaneamente, passou por um grande susto, perdeu o uso de suas faculdades, mentais, que ele está *désarconé* ou *dèmonté*, que corresponde “a cair do cavalo”, ou “perder as estribeiras”. Em francês os dois termos, *désarconé* e *dèmonté*, tem o mesmo significado.

Algumas expressões ao longo do século se tornam desacreditadas ou desonradas. De acordo com Bréal (1992),

Como aquelas conchas que juncam a praia, restos de animais que viveram, uns ontem, outros há séculos, as línguas são repletas de despojos de idéias modernas ou antigas, umas ainda vivas, outras desde muito tempo esquecidas. Todas as civilizações, todos os costumes, todas as conquistas e todos os sonhos da humanidade deixaram sua marca que, com um pouco de atenção, se vê reaparecer. (BRÉAL, 1992, p. 186).

Para Bréal, a única ilusão é a nossa ignorância de uma época anterior, o povo não tem porque remontar ao passado: ele só conhece o significado do momento. As línguas são repletas de despojos, de idéias modernas ou antigas, umas ainda vivas, outras desde muito tempo esquecidas.

1.3. CULTURA POPULAR: Folclore piauiense

Para falar do folclore piauiense não poderemos esquecer alguém, que foi reconhecido como um dos maiores folcloristas, se assim, podemos chamar, que é Câmara Cascudo. Este leu e admirou o grande folclorista nordestino, que foi Fontes Ibiapina. Para Cascudo, PAREMIOLOGIA NORDESTINA vale uma dúzia de volumes na espécie, porque V. registrou uma dúzia de dimensões exatas e sugestivas na GAYA SCIENZA da sabedoria popular.

Segundo Cineas Santos, Fontes Ibiapina escrevia compulsivamente como se soubesse que a “indesejada das gentes” seguia-lhe os rastros, mordia-lhe o calcanhar, obrigando-o a apressar o passo num ritmo quase alucinante. Deixou uma batelada de textos inéditos, todos eles com sua marca registrada: o cheiro honesto do povo.

Era um estudioso da vida nordestina e dos seus tipos humanos. Não há como negar que ele viveu para contar histórias, para registrar momentos, para enriquecer e preservar a cultura piauiense. Dotado de uma veia literária aguçada, lançou-se ao desafio de ordenar as expressões mais usuais que enriquecem a linguagem nordestina.

Cada expressão em Paremiologia nordestina representa a própria cultura popular. Essa obra de Fontes Ibiapina, é a nossa principal fonte de pesquisa nesse trabalho, pela riqueza da obra, que segundo Cascudo um só volume da obra, valeria uma dúzia de volumes da espécie.

Para enriquecer ainda mais a nossa pesquisa, usarei como fonte, uma outra obra do nosso autor piauiense, Fontes Ibiapina, que é: Terreiro de Fazenda, que, segundo Mousinho (s.d, *apud* Ibiapina, 2002), é um presente para nós leitores, pois essa obra é um dos mais expressivos registros orais da cultura popular.

Mousinho refere-se a Paremiologia Nordeste e Terreiro de Fazenda, como a exuberância do singelo descontraído e do deboche explícito, tão presentes em nosso povo sertanejo e no citadino, captados com insuperável perspicácia e lucidez por Fontes Ibiapina, onde muitas vezes a realidade e ficção se confundem.

Em suma é um trabalho minucioso, requer leituras, dedicação, curiosidades... mas é algo que nos despertou interesse logo no início do curso, devido á nossa vivência. Entendemos as possíveis ou existentes críticas por parte de historiadores alegando que falta um método de uma pesquisa científica, porém

acredita-se que as fontes pesquisadas são fundamentais, para enriqueceram a temática.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançar o objetivo propostos para o presente trabalho, seguiu-se um percurso metodológico que caracterizamos como bibliográfico e documental, já que necessitou de uma boa base teórica, para que pudéssemos analisar com coerência e clareza as expressões populares presentes na obra de Fontes Ibiapina, mais precisamente, Paremiologia nordestina.

De acordo com Severino (2007),

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p.122)

Para a realização da análise, nos fundamentamos em autores da área de Filologia, como Bréal (1992); de Filosofia da linguagem, a exemplo de Bakhtin (1988); de Sociolinguística, tal como Bagno (2003), dentre outros que nos permitem enxergar nas referidas expressões dados da cultura e da história piauiense e a relação de estreita convivência do sertanejo com o boi, o cavalo e o cão. Dados estes que reforçam achados da história no que tange à formação social do Piauí, que, segundo historiadores (Claudete Dias, Luis Mott), se deu a partir das atividades pastoris, em que o boi era o maior bem do sertanejo enquanto o cavalo e cão constituíam verdadeiros instrumentos de trabalho na lida com o gado, além de serem meio de transporte indispensável e protetor exímio, respectivamente.

Nesse sentido, essa análise de expressões populares, tem como fonte de pesquisa o livro Paremiologia nordestina, de Fontes Ibiapina, que traz um glossário dessas expressões que fazem parte da vida cotidiana do nosso povo e que representam fragmentos da história e da cultura do sertanejo, revelando a relação deste com os animais, como o boi, o cavalo e o cão.

Ao aprofundar na temática, percebe-se que a pesquisa, ou análise de expressões populares, torna-se desafiante para os pesquisadores, tendo em vista a

necessidade de identificar, o que e como esses sujeitos históricos, passam a ser objeto de interesse para se pesquisar.

Para que tenhamos mais clareza sobre dados da história e da cultura do Piauí, nas expressões populares presentes em Paremiologia nordestina, é necessário conhecer algo sobre o autor da obra em análise, já que a sua piauiensidade se traduz no poder observador de tais expressões, ou seja, só percebe a beleza e o valor de tais manifestações lingüísticas e sua relação com o homem e com o meio cultural quem, de fato, experimenta intensamente essa cultura.

3. APRESENTAÇÃO DO AUTOR FONTES IBIAPINA

João Nonon de Moura Fontes Ibiapina nasceu na fazenda Lagoa Grande, no município de Picos - Pi, em 14 de junho de 1921, e faleceu em Parnaíba, no dia 10 de abril de 1986, foi professor e educador. Nesta condição dirigiu colégios em Alto Longá e Miguel Alves. Jornalista responsável, pertenceu ao conselho Estadual de Cultura do Piauí, à Academia Piauiense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 9. Magistrado, serviu em quatro comarcas: Alto Longá, Miguel Alves, Piripiri, Parnaíba. Publicou mais de quinze livros, entre contos, romances, peça de teatro e folclore. Suas principais obras: Paremiologia Nordestina, Passarela de Marmotas e Terreiro-de-fazenda.

Foi premiado várias vezes em concursos nacionais de contos, como os promovidos pelas revistas A Cigarra e Alterosa, e pelo Boletim Bibliográfico Brasileiro, um dos concursos de maior repercussão do gênero no país na época.

Segundo Cineas Santos (2008, p.10), Fontes Ibiapina escrevia compulsivamente como se soubesse que “indesejada das gentes” seguia-lhe os rastros, mordida-lhe o calcanhar, obrigando-o a apressar o passo num ritmo quase alucinante, deixou uma batelada de textos inéditos, todos eles com sua marca registrada: o cheiro do povo. Ao publicar Paremiologia nordestina, a UFPI presta um inestimável serviço à cultura brasileira e reverencia uma das inteligências mais vivas de tantas que já pisaram o chão do Piauí.

Possivelmente seria quase impossível fazer uma pesquisa sobre o homem dessa região, suas expressões que lhe são tão peculiares, como a riqueza de sua linguagem, seus costumes sem a obra Paremiologia Nordestina.

Para Eneas Barros (2008, p.15), Fontes Ibiapina era dotado de uma veia literária aguçada, lançou-se ao desafio de ordenar as expressões mais usuais que enriquecem a linguagem nordestina, não contava uma história, como sempre fez, mais inúmeras histórias, pois cada expressão em Paremiologia nordestina representa a própria cultura popular.

O ousado projeto de reorganizar as expressões constantes neste livro, inclusive com umas pitadas inéditas deixadas em manuscritos de Fontes Ibiapina, tem o crédito de seus familiares. Com essa iniciativa, a sua memória continuará perpetuada no caprichoso trabalho de pesquisa, que para seu neto Eneas Barros, foi a essência de sua vida profissional.

Vejamos algumas expressões em Paremiologia nordestina:

“É um ladrão sem tamanho que o cachorro bebeu água de seu primeiro banho” (IBIAPINA, 2008, p, 32). A expressão registra a crença popular segundo a qual diz-se que quando um cachorro bebe a primeira água em que o recém-nascido iria tomar banho, aquele recém nascido será um futuro ladrão.

“É um cão sem dono” (IBIAPINA, 2008, p, 25). Diz-se de alguém que não tem dono, não é de boa linhagem, ou de uma família limpa.

“Botou-lhe a sela” (IBIAPINA, 2008, p. 38). Em relação àquele que praticou determinados atos com exagero, lesando os direitos de outros.

Tirou dos cachorros e botou nele. Para dizer que alguém falou mal de outro;

“Conversa mole pra boi dormir” (IBIAPINA, 2008, p. 57). Diz-se daqueles que muito conversam.

“Cachorro que engole o osso, n’alguma coisa confia; ou na goela, ou na travessia” (IBIAPINA, 2008, p. 70). Trata-se de pessoas, ruins, que não são confiáveis, e que também são afoitas, audaciosas, que não tem noção do ridículo, mas que conseguem vencer os obstáculos da vida, que foi o que aconteceu, em terras piauienses no período em que o homem teve que cavalgar grandes distâncias, cansaço para desbravar essas terras.

“Cavalo gordo se espanta da própria sombra” (IBIAPINA, 2008, p. 86). É quando o sujeito é corajoso, pretensioso. Pode também retratar o fato de que há pessoas que, por terem muitas habilidades, assustam-se com suas próprias ações ou atitudes.

“Político é como merda de gado, por cima seca e por baixo aquela porcaria” (IBIAPINA, 2008, p. 87). Demonstra o hábito, ou a necessidade, de se fazer crítica aos políticos, que, com algumas raras exceções de uns poucos serem honestos, apresentam-se como pessoas de bem, mas agem às escondidas como malfeitores da sociedade.

“Cavalo de cachaceiro conhece o caminho da bodega” (IBIAPINA, 2008, p,90). Quando se trata de uma pessoa, ativa nos negócios e que só pensa em levar vantagem. Revela o hábito de se valorizar a força do hábito.

“Viajado que só cavalo de cigano” (IBIAPINA, 2008, p. 92). Refere-se a uma pessoa que viaja bastante, e que nessas viagens negocia, e que se dá bem nos negócios.

“Boi velho, chocalho novo” (IBIAPINA, 2008, p. 105). Refere-se aos que são precavidos, e que não se conformam, com determinadas situações. Há outras versões, como: Cavalo velho, capim novo; Cavalo velho, sela nova; que cristalizam o discurso machista, segundo o qual, se um homem maduro adquire uma parceira nova, volta a ter o vigor da juventude.

“Quem acha besta, não compra cavalo” (IBIAPIANA, 2008, p. 108). Para a pessoa precavida. No entanto, interpretamos como sendo uma expressão que critica as pessoas aproveitadoras, exploradoras.

“Besta é o cachorro que se joga o osso e ele o não apara” (IBIAPINA, 2008, p.122). Trata-se do sujeito que só consegue vencer na vida, quando o mesmo é experiente, arrojado. Por outro lado, critica as pessoas que não sabem aproveitar as oportunidades.

“Bezerro de pobre não chega a boi” (IBIAPINA, 2008, p. 151). Coisas que o pobre sempre diz. Revela um ideal preconceituoso e conformista, segundo o qual o pobre tem que continuar pobre, porque as coisas do pobre nunca prosperam.

3.1 O boi, o cavalo e o cão na vida do piauiense: análise das expressões populares

Vamos dar início a essa análise, começando pelo processo de colonização do Piauí, para melhor compreensão. Como já sabemos, os portugueses chegaram ao Brasil no ano de 1500. Durante o século XVI eles exploraram principalmente o litoral do nordeste. E no século XVII se espalharam pelo sertão nordestino criando gado, pois os portugueses não consideravam os índios como os donos das terras, apoiavam os fazendeiros no combate às tribos e na ocupação das terras.

Foi desta maneira que os portugueses donos de fazendas na Bahia chegaram ao sertão piauiense, conseqüência de uma ordem de D. Pedro II, que “Determina que os criadores de gado retirassem os seus rebanhos, no prazo de um mês para o interior, observada a distância de dez léguas” (BRANDÃO,1998, p.17).

Segundo Marcelo Anjo, os termos dessa carta de D. Pedro II, logo favoreceram a retirada do gado para o Sertão de Dentro (expressão atribuída a Capistrano de Abreu), dando início à fase de penetração do gado no interior nordestino. Nunes e Abreu (1998, p.86) consideraram que “dentre os fatores conjunturais que determinaram o povoamento e a exploração econômica do sertão

piauiense, destacamos a expansão dos engenhos do nordeste e a posse de terras para instalação de currais.

Sobre os aspectos geomorfoclimáticos que favoreceram a criação de gado no Piauí, Mott afirma que,

Possuindo grande parte de seu território formado por caatingas e serrados, dispondo de poucos rios perenes e baixa pluviosidade, o Piauí, se de um lado representava fracas possibilidades para o desenvolvimento de uma agricultura exportadora, veio a transformar-se na principal área pastoril do nordeste, sendo considerado durante séculos como o curral e açougue das áreas canavieiras. (MOTT, 2010, p.172).

Sendo assim, a propensão para a criação de gado favorece, nitidamente o ajuntamento de alguns grupos humanos. Quanto a isso vemos o que afirma Brandão:

Predominavam as famílias originadas de casais portugueses radicados no Piauí, cujos maridos eram vaqueiros dos grandes senhores ou criadores em terras devolutas [...]. Os membros destas famílias passaram à condição de proprietários rurais, quando adquiriram títulos fundiários, por compras a particulares ou por concessão real. (BRANDÃO, 1994, p.276).

No início do povoamento do Piauí processou-se toda uma desorganização sócio-político-administrativa, sendo este o contexto em que foi elevado a capitania de São José do Piauí em 1718. A distância, o isolamento e o total abandono fizeram com que o Piauí se integrasse muito tarde aos demais estados, que já dispunham de infra-estrutura. Esta situação privou o Piauí de participar, mais efetivamente, dos grandes acontecimentos históricos, provocando um sensível atraso em todo o seu desenvolvimento.

Com efeito, o processo de povoamento do Piauí foi lento e tardio; os colonizadores não se interessavam em divulgar as riquezas da terra. Os primeiros habitantes do Piauí preocuparam-se inicialmente, em começar em sua nova terra a criação de gado, transformando-se dentro de pouco tempo em ricos fazendeiros, por meio de vários processos, inclusive o desbravamento ou povoamento dessas terras.

Antes de darmos início a análise das expressões vejamos o que diz Lyon sobre a relação entre língua e cultura: “Pois grande parte do significado de expressões, inclusive os seus significados descritivos, bem como social e expressivo, é não-universal e dependente da cultura” (LYON, 1981, p. 292). E é nessas expressões que percebemos nitidamente a boa relação do homem desta terra com o boi, com o cavalo e o cão, vejamos as expressões a seguir:

“Vaqueiro bom não gaba cavalo” (IBIAPINA, 2008, p,47). (Grifo nosso) Apesar da boa relação do vaqueiro com o cavalo, muitos foram os obstáculos enfrentados por ambos: distância de um povoado pra outro, seca e é possível terem passado fome, sede ao percorrerem lugares tão afastados de casa, mesmo assim, pela sua bravura, não recuavam quando havia necessidade de serem sinceros, não recuava, ainda que a verdade doa.

Por outro lado, devemos observar que vaqueiro e cavalo constituem uma dupla quase perfeita, um par complementar, que funciona harmonicamente, de modo que, se as virtudes de um são enaltecidas, as do outro são ofuscadas. Esta visão revela como o vaqueiro era visto pelo povo, como um herói, o protótipo de homem forte e corajoso, que não poderia ser desfeita pela supervalorização do cavalo.

“Quanto mais conheço os homens, mais admiro os cachorros” (IBIAPINA, 2008 p. 61). (Grifo nosso) Não se deve ter amizade com quem não presta, não é digno de confiança, tendo em vista o relacionamento do homem (vaqueiro), com o cão, que o auxiliou em vários processos, inclusive no desbravamento ou povoamento dessas terras, a relação dos dois sempre foi muito intensa, sendo assim, é mais prudente confiar no cão do que no homem, levando em conta que o mesmo sempre esteve ao seu lado sertão á dentro, o cachorro é amigo, companheiro, fiel, já o homem é falso, inconstante, não merece confiança, muito menos admiração.

“Cercado grande boi magro” (IBIAPINA, 2008, p. 52). (Grifo nosso). Entende-se que as terras piauienses, no seu povoamento, o quanto o boi, a pecuária, foram relevantes nesse processo, pois era a atividade principal dessa região, já a agricultura era voltada apenas para subsistência dos moradores que trabalhavam nas fazendas de gado.

Segundo Claudete Dias, era comum alguns donos de sítios, ou os posseiros manterem seus animais, principalmente o boi, em um cercado, com pouco gado, diz-se também dos que se reuniam pra contar vantagens, principalmente á noite, quando os vaqueiros posseiros se reuniam á noite depois de um dia de labuta, prosearem, onde sabemos que nessas conversas era comum contarem vantagens.

“Cavalo gordo se espanta da própria sombra” (IBIAPINA, 2008, p. 86). (Grifo nosso) A expressão refere-se ao o indivíduo presunçoso, orgulhoso, podemos entender o orgulho do vaqueiro com o seu instrumento de trabalho, amigo, pois o

cavalo representa orgulho, satisfação, pois possuir um cavalo também significava poder, destreza, companheirismo, já que os dois estavam sempre juntos.

“Eu conheço o meu gado” (IBIAPINA, 2008, p. 97). (Grifo nosso) Para esclarecer o quanto se conhece com quem se vive, e ai, claramente, vê o quanto foi próximo o relacionamento do homem piauiense com o boi, que foi extremamente importante, nas atividades de trabalho desenvolvidas pelo vaqueiro, pois o mesmo foi bastante utilizado como instrumento de trabalho, logo no início da colonização piauiense, a primeira e grande preocupação foi dá início as fazendas de gado.

“A fazenda herdada nunca é estimada” (IBIAPINA, 2008, p. 66). (Grifo nosso) Entende-se, nessa expressão, que aquele que herdou não tem tanta estima pela fazenda, pois quando se herda é bem diferente do que se labuta para obter, é uma expressão que não demonstra nenhuma euforia, ou alegria por parte de quem herdou, e como estamos falando, da relação do vaqueiro com alguns animais que tiveram uma forte ligação, nesse contexto piauiense, de povoar, desbravar, levando em conta, o imprescindível papel do vaqueiro, quando os donos de fazendas se ausentavam era comum o vaqueiro tomar conta da fazenda, enquanto o dono estava fora, diferente de herdar, vemos que a expressão em nenhum momento demonstra contentamento, mais apenas conformismo ou submissão.

Metaforicamente revela o comportamento desleixado de quem não fez esforços para construir um patrimônio. É a sabedoria popular retratando a conduta humana por meio da linguagem, este recurso de comunicação e expressão que guarda tudo o que há na obra humana.

“O cão com raiva morde o dono” (IBIAPINA, 2008, p. 73). (Grifo nosso) A relação do vaqueiro com o cão não foi apenas de carinho, houve momentos de estranhamento assim como outras amizades, e pela expressão entende-se, que quando ocorria algum estranhamento, o cão mordia sim o próprio dono. Do ponto de vista das construções metafóricas, esta expressão guarda a criticidade que o homem sertanejo tem em relação ao comportamento humano, revela a fidelidade instável do ser humano. Se o cão é o protótipo de fidelidade, e este chega a morder o próprio dono, é porque a fidelidade, o amor, a amizade são, para o sertanejo, algo extremamente vulnerável à condição das relações humanas em que ela se estabelece. Em outras palavras, a amizade, o amor e a fidelidade devem ser correspondidos.

“Cão de raça, bem caça” (IBIAPINA, 2008, p, 76). (Grifo nosso). Entende-se que essa expressão refere-se ao indivíduo de boa conduta, e que essa boa conduta, descende de família tida como limpa; o cão não era apenas desbravador com o vaqueiro, protetor, era também um agente indispensável com o vaqueiro, para desbravar as terras piauienses, e outra atividade muito realizada por ambos, era a caça, não só como diversão, mas na busca do próprio alimento.

Percebe-se também uma visão preconceituosa, uma vez que enaltece as habilidades de caça ao “cão de raça”, desprezando os demais cães que têm origem duvidosa ou mestiça. Esta provavelmente não é a visão do sertanejo, vaqueiro, mas pode ser interpretada como sendo o discurso das elites, dos fazendeiros, tidos como de boa linhagem, de boa “raça”, em oposição à grande massa de negros e mestiços cujas qualidades eram sempre ofuscadas. Este discurso acabou sendo incorporado ao imaginário do vaqueiro.

“Quem toma benção a cachorro, chama gato de tio” (IBIAPINA, 2008, p. 99). (Grifo nosso) Refere-se a uma situação mal resolvida. Cão e gato são inimigos naturais; deste modo, se alguém se filia a um, há de fazer um pacto também com o outro. Retrata situações em que muitas vezes somos obrigados a estabelecer relações de amizade com os desafetos de nossos amigos, para não piorar a situação.

“Cavalo é que dorme em pé” (IBIAPINA, 2008, p. 102). (Grifo nosso) Utiliza-se essa expressão ao tratar de pessoas mais sabidas que outras, aproveitadoras, principalmente nos negócios, que, para não ser trapaceada, era necessário que a pessoa estivesse sempre atenta. Sendo o cavalo usado nos trabalhos mais pesados da fazenda, este é tido como um ser explorado, usurpado e não tem direito sequer a uma dormida digna; quem dorme em pé é também explorado como o cavalo. Esta expressão é, na verdade, uma advertência para que não nos deixemos ser explorados ou enganados; é uma negação, uma rejeição à exploração.

Utiliza-se essa expressão ao tratar de pessoas mais sabidas que outras, aproveitadores principalmente nos negócios, pra não ser trapaceado era necessário que a pessoa estivesse sempre atenta, acredita-se que essa expressão era bastante usada pelos vaqueiros. Como já foi frisado acima, o vaqueiro e o cavalo formam um par complementar, se alguma característica de um é enaltecida, as do outro são rebaixadas, ou ofuscadas; assim, se, nesta relação homem-cavalo, o cavalo dorme

em pé, o vaqueiro não. Pelo contrário, está sempre atento e não se deixa enganar, já que o para oposto, o cavalo, é o explorado. Isso mostra que o vaqueiro não percebia a si mesmo como sendo objeto da exploração dos fazendeiros, fato que não só garantiu a prosperidade dos fazendeiros, mas também o domínio de toda a classe senhorial durante todo o processo de colonização do Piauí.

“O boi pega no arado, mas não é do seu agrado” (IBIAPINA, 2008, p, 107). (Grifo nosso) É o que dizem os bem precavidos, prevenidos, ou mesmo conformados, vemos o quanto o boi foi usado como fonte de trabalho e renda na colonização do Piauí, era também meio de sobrevivência, como afirma Prado Júnior (1943), que havia uma grande necessidade do gado em busca de água, pois grandes eram os períodos de estiagem, em busca de água e comida, vagando longas distâncias, vimos que não era fácil nem pra o vaqueiro como também não era para os animais, que foram imprescindíveis para esse processo de colonização do Piauí.

Esta expressão mostra também que, a exemplo do boi, que mesmo sendo um animal dócil ou domesticado, não gosta dos trabalhos mais pesados (de puxar o arado), os seres humanos também o fazem por necessidade ou por obrigação, nunca por prazer.

“Cavalo alugado não cansa” (IBIAPINA, 2008, p. 115). (Grifo nosso) Quando o camarada é estróina (extravagante, dissipador, gastador), mas que tudo que faz é com o dinheiro alheio, emprestado ou de familiares seus. Sabemos quão grande foi a relação do cavalo com o vaqueiro no transferindo o gado de um lugar pra outro, indo para perto dos rios. Esta expressão compara o cavalo a bens materiais, o seja, o cavalo é um bem material, um patrimônio. Se o cavalo alheio não cansa, o dinheiro alheio, que não trabalhamos para ganhá-lo, não acaba, pelo menos na visão de pessoas que gastam o alheio. Há outra versão, que foi extraída do mundo do universo da caça: “quem atira com a pólvora alheia não toma chegada”.

“O boi de guia bebe água limpa” (IBIAPINA, 2008, p. 120). (Grifo nosso) Utiliza-se essa expressão para dizer que não se deve esperar apenas pelo destino, pela sorte. No que se refere ao boi, sabemos o quanto este se deslocava de um lugar para outro em busca de pasto e água, guiado pelo vaqueiro, o cão e o cavalo, e muitas vezes sem um planejamento de viagem, mas pela necessidade. Traz à tona

a esperteza do homem sertanejo na competição pela sobrevivência, sobretudo nas disputas pela água, que é um precioso bem para sertanejo.

“Quem vive de sorte é vaqueiro” (IBIAPINA, 2008, p. 121). (Grifo nosso) Tal expressão é usada para dizer que não se deve esperar apenas pelo destino, ou pela sorte, sabemos que as invasões, as disputas contra os índios no século XVII fizeram parte da vida do vaqueiro Estes tiveram que se defender da invasão do gado e seus criadores, (ANDRADE, s.d;) que foram cada vez mais empurrando para o interior sertanejo. No universo da pecuária extensionista, sorte é a rês que, na partilha, é dada ao vaqueiro como pagamento do seu trabalho, assim somente este pode contar com a sorte para sobreviver; o que leva a crer que quem não é vaqueiro tem que lutar pela sobrevivência.

Segundo Andrade (p, 180), foi nessas guerras e conquistas contra os indígenas ou antigos sesmeiros que recebiam terras do Governador Geral e nunca as ocupavam que foram sendo constituídas as grandes propriedades.

Nestes sertões desenvolveu uma civilização Sui generis. Ai os grandes sesmeiros mantinham alguns currais nos melhores pontos de sua propriedade dirigidos quase sempre por um vaqueiro que ou era um escravo de confiança, ou um agregado que tinha como remuneração a “quarta” [a cada quatro animais nascidos um era do vaqueiro]. (ANDRADE, p.180.)

“À falta de um grito, vai-se embora uma boiada” (IBIAPINA, 2008, p. 121). (Grifo nosso) Ou seja, para vencer na vida o sujeito deve ser experiente e arrojado. A expressão significa que a boiada reconhecia, através do grito, o comando por parte do vaqueiro para com a boiada, vemos uma relação de intimidade, aproximação. Além do grito, que o vaqueiro utilizava para juntar os bois, eles também aboiavam. O grito incorpora outro significado, o de ter que levantar a voz contra as injustiças sociais, contra a exploração e a sobrecarga de trabalho.

Por outro lado, o grito pode também agregar o sentido das melodias dos aboios, que suavizavam a vida dura e difícil do vaqueiro, pois, segundo Cascudo (1984), o aboio é o canto de trabalho utilizado pelo vaqueiro para tocar a boiada durante as migrações, durante as apartações, além de também ser um elemento voltado para a interação entre os próprios vaqueiros, quando estes abóiam juntos, em consonância.

“Pobre, que não tem um couro pra morrer em cima” (IBIAPINA, 2008, p. 159). (Grifo nosso) Quando alguém é muito pobre, no interior nordestino, era comum

quando morria um anjo (bebê) filho de pais muito pobres, ao invés de levarem o corpo para o cemitério de ataúde, o corpo era levado numa gaveta de mesa. (E a gaveta volta). Esta é uma revelação de que o trabalho do pobre é improdutivo ou mal remunerado, pois, mesmo no último momento da vida, ou após ter trabalhado a vida inteira, o que ganhou não é suficiente para ter um enterro digno, que, para muito, era questão de honra. Tanto trabalho, e ao chegar no fim da vida nem um couro tinha para morrer em cima, podemos perceber nessa expressão descontentamento por parte do sujeito pobre trabalhador, escravo, explorado pelo senhor, patrão.

“Quando se vê um pobre em garupa de rico, é porque o cavalo é do pobre” (IBIAPINA, 2008, p.160). (Grifo nosso) Ainda sobre a pessoa muito pobre, o cavalo foi bastante usado como meio de transporte no Piauí, juntamente com o cão, o boi e o vaqueiro desbravando essas terras!

Podemos perceber nessa expressão que sempre houve diferença de classes, onde havia lugares em que o pobre deveria estar, pois esse local lhe pertence, a garupa do rico, no cavalo do pobre, como também pobre assumindo, um papel de submissão. Mais uma vez a exploração do pobre pelo rico; pois, mesmo o pobre sendo dono do cavalo, tinha que andar na garupa, que se contentar com as migalhas.

“Tristeza é doença de gado” (IBIAPINA, 2008, p. 166). (Grifo nosso) Quando alguém lamenta pela sorte precária. O gado era meio de sobrevivência, fonte de renda, muito valoroso desse período, ao percorrer grandes distâncias, passando fome, sede, cansaço, acredita-se que muitos deles adoeciam nessas viagens. Expressão de ânimo, um tanto conformista, para quem estava triste, pois situação pior era a do gado, pois o mesmo enfrentava longas distâncias, escassez de água e comida, como também cansaço físico, como consequência o gado adoecia, e o vaqueiro entristecia-se.

“Manso que só cachorro de cego” (IBIAPINA, 2008, p. 172). (Grifo nosso) Trata-se de uma pessoa sem atitude, iniciativa. Metáfora do ser humano incapaz, cachorro de cego tem que se virar sozinho, pois o seu dono não enxerga um palmo diante do nariz, é incapaz, como poderá direcionar o cachorro.

“Boi lerdo só bebe água suja” (IBIAPINA, 2008, p, 160). (Grifo nosso) É quando uma pessoa procura determinados meios, artifícios, para com menos esforços efetuar determinado serviço, e perde o trabalho, com a lerdeza do boi ao

percorrer longas distâncias, naturalmente como diz Prado Jr, havia o cansaço extremo por parte das boiadas, um fator preponderante para esse cansaço se dá pela aridez da região. Já o boi de guia, aquele que está à frente da boiada, e chega sempre primeiro, bebe água limpa, de qualidade, e os outros bois lerdos que chegam por último bebem água suja, pois estão atrasados.

Segundo Andrade (p.180), os Estados Membros que tem áreas internas ao local caracterizado pela aridez e denominado polígono das secas, incluindo principalmente o Piauí e a Bahia, que foi de onde vieram conduzidos pelo vaqueiro, percorrendo o território nordestino para sua ocupação.

“O cavalo é do patrão, mas a espora é minha” (IBIAPINA, 2008, p. 189). (Grifo nosso) Nunca se deve perder uma boa oportunidade, pois a prevenção sempre produz bons resultados. O cavalo nem sempre era do vaqueiro, pois mesmo sendo-lhe confiadas as fazendas na ausência dos donos, mesmo que isso ocorresse, mais pela necessidade, que da confiança, os animais eram dos Senhores, porém alguns acessórios, como a espora, eram do vaqueiro. Esta é uma forma de externar o anseio por autonomia e dignidade. Ou seja, o vaqueiro começa a tomar iniciativa de construir seu próprio destino, de dar as ordens, de governar sua própria vida e a vida/destino da fazenda, pois, mesmo não sendo o dono, é ele quem conduz o destino da fazenda. O vaqueiro começa a ter consciência do seu valor, sua importância.

Vejamos o que comenta Silva (2007): Durante o trabalho o vaqueiro portava alguns artigos como: vasilhame de borracha para carregar água; um mocó, recipiente para levar comida; a bainha, onde é guardado o facão e outros.

Um ponto relevante é que as roupas do vaqueiro eram peças de couro, que eram feitas com couro de carneiro ou raramente de boi, pois o couro do boi era mais caro, sendo assim na maioria das vezes, era um artigo de luxo, no qual o vaqueiro não poderia obter.

Vemos que faz parte da cultura de utilização do couro como matéria prima para diversos utensílios no cotidiano do vaqueiro no passado e ainda na atualidade.

“Onde passa a caça, passa o cachorro” (IBIAPINA, 2008, p, 190). (Grifo nosso) Quando se enfrenta um caso qualquer com otimismo e perseverança, o cão era instrumento usado pra vigiar o gado, e mais usado ainda, para a atividade da caça, que era fonte de alimento, sendo também um dos agentes indispensáveis do desbravamento das terras piauienses.

“Onde passa o cavalo, passa o vaqueiro” (IBIAPINA, 2008, p. 190). (Grifo nosso) Enfrentando qualquer obstáculo com perseverança otimismo, acreditando que apesar das dificuldades dará certo para ambos, cavalo e vaqueiro, enfrentaram vários obstáculos no processo de povoamento do nordeste: longas distâncias, fome, seca, doenças por conta do cansaço físico inclusive dos animais, que ao morrerem durante o trajeto, ficavam para trás. Cavalo e vaqueiro formavam um par complementar, um era parte integrante do outro, uma dupla inseparável. Esta expressão revela o quanto o cavalo era importante para o vaqueiro.

Como afirma Cunha (2003).

O vaqueiro,[...] criou-se em condições opostas, em uma interminência, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abundância e misérias tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o sol, arrastando de envolta, no volver das estações, períodos sucessivos de devastação e desgraças (CUNHA, 2003).

“Em cavalo bom de andar, todo caminho é perto” (IBIAPINA, 2008, p. 193). (Grifo nosso) No caso de qualquer imprevisto prejudicial, desagradável, imprevistos faziam parte da vida dos desbravadores, ao contrário da expressão quando diz que todo caminho é perto, o caminho percorrido, principalmente no nordeste no período da ocupação do território nordestino, foi cercado de guerras principalmente contra índios, isso no século XVII, teve que defender o gado de invasões. O cavalo era um facilitador da vida do vaqueiro.

“Quem faz carreira no mato é bicho” (IBIAPINA, 2008, p. 195). Referindo-se aos tolos, rústicos, ignorantes, analfabetos. Vemos que era assim que os vaqueiros, posseiros, também escravos eram vistos, como ignorantes, e analfabetos, principalmente o nordestino, vaqueiro, tendo em vista que esse sujeito vivia mais no mato, do que em casa.

Este é um anúncio das aspirações do homem do campo, sair do mato –da fazenda- e viver na cidade, talvez esse seja uma das primeiras manifestações da ideologia que defendia as vantagens de se viver nas cidades, renunciando o que mais viria a acontecer, que é o êxodo rural.

“Ficou matando cachorro a grito” (IBIAPINA, 2008, p. 200). (Grifo nosso) Em relação a determinada pessoa que fez certo negócio à toa e foi lograda direitinho, o cão é também conhecido, ou reconhecido popularmente como o melhor “amigo” do homem, expressão bastante conhecida, a relação do mesmo com o

homem desbravador dessas terras piauienses não poderia fugir da expressão, tendo em vista que o mesmo foi instrumento necessário no cuidado, ou como guardião do gado, e também muito usado na atividade da caça, como já sabemos, fonte de alimento, bastante usado nesse período, como até hoje nos dias atuais, pois o sertanejo ainda usa dessa prática.

“Ficou num mato sem cachorro” (IBIAPINA, 2008, p, 200). (Grifo nosso) Significa dizer que ficou sem saída, sem ter para onde correr, desprotegido. Esta expressão é bastante usada em situações de aperto, sufoco trazendo para nossa pesquisa, era praticamente impossível de se ver, o vaqueiro no mato sem que o cachorro estivesse à frente, percorrendo distâncias de até dez léguas, além de ser protetor do vaqueiro. Denota também solidão, pois quando o cão não se encontrava por perto, o vaqueiro sentia-se sozinho, desamparado.

“Dou um boi para não entrar numa briga, mas quando estou dentro, dou uma boiada para não sair” (IBIAPINA, 2008, p. 208). (Grifo nosso) Esta expressão é utilizada quando o “cabra” salta para o terreiro (campo-de-honra), de faca em punho, ou fecha o fole e apaga a lamparina arrotando uma valentia danada chamando o adversário para a luta. Tendo em vista que o vaqueiro teve que enfrentar os índios, pois D. Pedro II os reconhecia como invasores, não como os donos da terra, e ainda punha grandes manadas em terras que não eram demarcadas, gado criado solto, muitas foram as brigas nessas terras. Revela também o quanto o boi era valorizado em termos monetário.

“Boi briga, mas é se borrando todo” (IBIAPINA, 2008, p. 226). (Grifo nosso) É quando o indivíduo se entrega, acovarda-se mesmo em qualquer questão ou briga. Retrata também as situações em que o indivíduo, mesmo “se borrando de medo”, tinha que enfrentar uma briga ou uma situação difícil. O boi no povoamento, era meio de sobrevivência, e também instrumento de trabalho e meio de produção, também conhecido, ora manso, ora bravo!

“Depois da mijada de gambá, o cachorro perde o faro” (IBIAPINA, 2008, p. 233). (Grifo nosso) Tal expressão, de modo geral, significa que em terra estranha não se tem voz ativa, o cachorro além de cuidar do gado, a principal atividade desenvolvida por ele, era a caça, pois o alimento é indispensável para a vida na terra, porém quando não se conhecia o lugar, fica difícil conseguir o alimento, que era a caça. Demonstra também a submissão do homem simples em relação ao patrão.

“Do tempo do bumba” (IBIAPINA, 2008, p. 251). (Grifo nosso) É utilizada tratando-se de pessoa velha, ou mesmo de qualquer coisa antiga, ou fato passado e consumado. Diz-se, pejorativamente, que o Piauí é a terra do bumba-meu-boi, onde o boi morreu. Não se refere apenas ao animal, quando o gado era uma das principais fontes de riqueza do Brasil. Refere-se mais ao boi dos reis, o qual vai desaparecendo. Há até aquela cantiga que diz:

O meu boi morreu.
Que será de mim!
Manda buscar outro, maninho,
Lá no Piauí.

Segundo Ibiapina (2008, p. 256), há uma outra versão sobre o Piauí ser a terra onde o boi morreu. O senador Gervásio de Brito, na velha República, no meio deste século, sobre o qual há muitos casos de anedotas críticas, recebeu no Rio de Janeiro, uma carta de familiares seus, noticiando que determinado boi de sua estimação havia morrido. Então, no Senado, o senador Gervásio de Brito requereu um minuto de silêncio em homenagem póstuma a seu estimado boi de nome mansinho. O senador Gervásio era de Piracuruca-PI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A riqueza lingüística do Piauí é enorme, resultado de uma mistura de raças, de culturas e muita criatividade. Desde a infância convivi com pessoas mais da zona rural, familiares, amigos, e a maneira dessas pessoas se expressarem sempre nos chamou bastante a atenção, principalmente a diversidade de expressões tão usuais no dia a dia. Imaginávamos que a maneira daquelas pessoas se expressarem era errada, coisa de gente do mato, no entanto é apenas uma diferente de dizer aquilo que as pessoas escolarizadas e dos centros urbanos dizem utilizando outras expressões lingüísticas. Por isso, estudar as formas de expressão das pessoas da zona rural é de grande importância para que se possa fazer um levantamento de dados da cultura, dos costumes e da identidade desse povo.

Acredita-se que uma pesquisa dessa relevância nos permite contribuir para a comunidade acadêmica com um maior conhecimento sobre o tema, como também possibilitar um conhecimento mais apurado sobre a linguagem local da região de Picos, tendo em vista que as expressões que foram coletadas por Fontes Ibiapina, foram coletadas na cidade de Picos e região.

Sendo assim, esperamos com esse trabalho resgatar essa tradição lingüística do Piauí, para que não morra aquilo que foi construído pelo nosso povo ao longo dos séculos, pois compreendemos que essas expressões usuais do nosso cotidiano enriquecem a língua, além de registrarem os costumes, as crenças, a religiosidade, as relações de poder, os meios de produção, mas é na linguagem falada que o homem dessa região, encontra o meio mais natural e acessível para verbalizar com criatividade aquilo que o coração quer transmitir. Enfim, os discursos e as ideologias que permeiam essa sociedade, e constroem a identidade do homem dessa região.

O que representa o boi: o boi é meio de sobrevivência, fonte de renda e instrumento de trabalho, meio de produção, e moeda de troca, em “Dou um boi para não entrar numa briga, mas quando estou dentro, dou uma boiada para não sair” (IBIAPINA, 2008, p.208).

O cavalo é instrumento de trabalho, símbolo de ostentação, pois nem todos tinham condições financeiras de possuí-lo.

Onde passa o cavalo, passa o vaqueiro (IBIAPINA, 2008, p. 190), o cavalo é parte integrante do homem, principalmente do vaqueiro, essa relação foi mais

intensa, a partir do processo de colonização do Piauí, que se desenvolveu a partir da criação de gado. Já em “Em cavalo bom de andar, todo caminho é perto” (IBIAPINA, 2008, p. 193), o cavalo é um meio de transporte, pois deste dependia a locomoção do homem do campo.

O cão é instrumento de caça, em “onde passa a caça, passa o cachorro”, (IBIAPINA, 2008, p.190), revelando que o cão era instrumento de caça, que, por sua vez, era fonte de alimento. Este era usado também para cuidar do gado, além de ser um amigo fiel, protetor do vaqueiro e dos rebanhos. Esta idéia está registrada em “Ficou num mato sem cachorro” (IBIAPINA, 2008, p, 200), pois esta expressão retrata a realidade de quem perdeu o apoio, a proteção, a amizade, a companhia e, até mesmo, bens materiais, o que demonstra que ele era um agente principal do desbravamento das terras piauienses.

Em suma, essa pesquisa foi minuciosa, em cada leitura, pois em cada expressão analisada, percebe-se a relação do homem (vaqueiro), um dos principais representantes do homem do campo no Piauí. Este, atuando com o boi, o cavalo e o cão, proporcionou a construção da identidade e da sociedade piauiense. Esta pesquisa foi de grande relevância para nós, pelo fato de mostrar que a literatura, o folclore e a linguagem das comunidades constituem verdadeiras fontes de pesquisa histórica, pois é pela linguagem que o homem cria, repassa e preserva sua obra, seja na literatura, na ciência ou nas artes.

Contribui também para identificar, através das expressões, a relação intensa do homem com o animal, principalmente o boi, o cavalo e o cão, para que fosse possível resgatar, nas expressões, traços da identidade que tanto aproximavam esses sujeitos.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália**: Novela Sociolinguística | Marcos Bagno. 12 ed. São Paulo: contexto, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: contexto, 2014.
- BRÉAL, Michel. *et al.* **Ensaio de Sêmantica**: ciência das significações. São Paulo: EDUC, 1992.
- CÂMARA CASCUDO, Luis da. **Vaqueiros e cantadores**. Gente, 1994.
- CORREIA DE ANDRADE, Manoel. **A terra e o homem do nordeste**. Brasiliense, 1964.
- IBIAPINA, Fontes. **Dicionário de Brasileirismos**.
- IBIAPINA, Fontes. **Paremiologia nordestina**. 3.ed. Teresina: EDUFPI, 2008.
- IBIAPINA, Fontes. **Terreiro de fazenda**. Brasília: Grafor, 2002.
- LYONS, Jonh. **Linguagem e Língua**. Rio de Janeiro : Guanabara Koogans S.A, 1981.
- MOTT, Luis. 2010.
- RUSSO, Rogério. ALMEIDA, Francisco Xavier de Castro. **Dicionário ROGÉRIO da Língua Piauiense**. São Raimundo Nonato: Aquarela, 2006.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- Tese
 Dissertação
 Monografia
 Artigo

Eu, Maria das Mercês de Sousa Costa, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **O BOI, O CAVALO E O CÃO NA HISTORICIDADE PIAUIENSE: uma análise de expressões populares** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 14 de Fevereiro de 2017.

Maria das Mercês de Sousa Costa.
Assinatura